



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA CECÍLIA DINIZ DE ARAÚJO

**ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDER
A LER E A ESCREVER NO ENSINO REMOTO**

CAMPINA GRANDE
2021

MARIA CECÍLIA DINIZ DE ARAÚJO

**ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDER
A LER E A ESCREVER NO ENSINO REMOTO**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado ao departamento do curso de pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663a Araújo, Maria Cecília Diniz de.
Alfabetização [manuscrito]: implicações e desafios no processo de aprender a ler e a escrever no ensino remoto / Maria Cecília Diniz de Araujo. - 2021.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Departamento de Educação - CEDUC."

1. Alfabetização. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Ensino remoto. 5. Turma multisseriada. I. Título

21. ed. CDD 372.6

MARIA CECILIA DINIZ DE ARAÚJO

**ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDER
A LER E A ESCREVER NO ENSINO REMOTO**

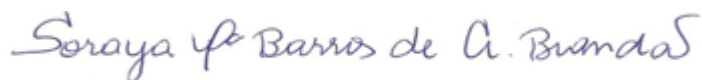
Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado ao departamento do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Aprovado em: 06/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (ORIENTADORA)



Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão – UEPB



Profa. Ms. Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela - UEPB

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pelo o Dom da vida a mim concedido, por seu infinito amor e zelo e a meu filho Miguel, que é minha fonte de inspiração e incentivo a perseverar na jornada da vida buscando o melhor para nossas vidas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ALFABETIZAÇÃO	7
3	ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DAS CARTILHAS	9
4	O QUE É NECESSÁRIO PARA ALFABETIZAR E SUAS IMPLICAÇÕES NO ATO DE LER E ESCREVER	10
5	A REALIDADE E OS DESAFIOS DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA NUMA TURMA MULTISSERIADA NA ZONA RURAL NO ENSINO REMOTO	14
6	METODOLOGIA, DADOS COLETADOS E ANÁLISE DOS DADOS NO ENSINO REMOTO	16
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	22
	ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA AO PROFESSOR	24

ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDER A LER E A ESCREVER NO ENSINO REMOTO

MARIA CECÍLIA DINIZ DE ARAÚJO¹

RESUMO

A alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental é o pilar que sustenta e propicia o desenvolvimento das habilidades necessárias para que as demais aprendizagens escolares nas diversas áreas do conhecimento possam acontecer. É a base para o desenvolvimento de práticas de leitura e de escrita, por intermédio da produção de diversos gêneros textuais, de maneira que compreenda o que lê e o que produz, bem como, a inserção em práticas sociais mais amplas, tornando-se o sujeito de sua própria história. Assim sendo, este artigo tem o objetivo geral de refletir acerca das implicações no processo de aprender a ler e a escrever no ensino remoto, numa classe multisseriada, em uma das escolas da zona rural no município de Puxinanã-PB. Nesse sentido, a metodologia deste estudo baseou-se numa pesquisa qualitativa, uma vez que houve a aplicação de um questionário a uma professora da turma multisseriada de uma escola da zona rural do município de Puxinanã-PB, na qual foram abordadas questões sobre a alfabetização, em meio aos desafios enfrentados no ensino remoto. Com isso, nos ancoramos nos estudos de alguns autores, tais como: Cagliari (1997), Ferreiro e Teberosky (1999), Mendonça e Mendonça (2007), entre outros. Compreendemos o quão é difícil o papel do Alfabetizador em esforçar-se para possibilitar o processo de aprendizagem de qualidade, nesta realidade pandêmica – COVID-19 –, sobretudo, se levarmos em consideração os mais diversos contextos sociais existentes, para isso é necessário a adoção de práticas que possibilitem ao aluno dar continuidade a sua trajetória de leitor e escritor em seu percurso escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Leitura. Escrita. Ensino Remoto. Turma Multisseriada.

ABSTRACT

The literacy in the early years of elementary school is the pillar that supports and provides the development of skills necessary for other school learning in different areas of knowledge to take place. It is the basis for the development of reading and writing practices, through the production of several textual genres, in a way that it understands what it reads and what it produces, as well as the insertion in broader social practices, becoming the subject of your own story. Therefore, this article has the **general objective** of reflecting on the implications in

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba.
Endereço eletrônico: ceciliadinizaraujo@outlook.com

the process of learning to read and write in remote teaching, in a multigrade class, in one of the rural schools in the city of *Puxinanã-PB*. In this sense, the methodology of this study was based on qualitative research, as a questionnaire was applied to a teacher of the multigrade class of a school in the rural area of the municipality of *Puxinanã-PB*, in which questions about literacy were addressed, amidst the challenges faced in remote learning. With that, we anchored in the studies of some authors, such as: Cagliari (1997), Ferreiro and Teberosky (1999), Mendonça and Mendonça (2007), among others. We understand how difficult the Literacy Teacher's role is in striving to enable a quality learning process, in this pandemic reality - COVID-19 -, especially if we take into account the most diverse existing social contexts, for this it is necessary to adopt of practices that enable the student to continue his trajectory as a reader and writer in his school career.

KEYWORDS: Literacy. Reading. Writing. Remote Teaching. Multigrade Class.

1 INTRODUÇÃO

Compreender o processo de alfabetização implica, entre outras coisas, conhecer as etapas as quais as crianças percorrem quando estão aprendendo a ler e a escrever, bem como, aprofundar, reestruturar, ampliar e criar novas situações de ensino e aprendizagem em alfabetização, inserindo seus aprendizes na cultura escrita que permeia as práticas sociais da sociedade.

Diante disso, surge a necessidade de uma nova compreensão das especificidades que compõem o desafio de alfabetizar. Destarte, inicia-se pela visão mais tradicional de alfabetização, que vem sendo questionada através de estudos e pesquisas de maneira mais profunda nos últimos 40 anos, os quais mostraram/mostram que práticas centradas na memorização e na cópia, empobrecem, queiramos ou não, a aprendizagem da língua.

Outro ponto que merece destaque, é entendermos que a codificação e decodificação é uma etapa do aprender a ler e a escrever, à medida que aprendemos as correspondências entre fonemas e grafemas desenvolvemos um conjunto de habilidades necessário à aplicação na prática. Porém, a alfabetização não se reduz a esta especificidade, considerando que é um processo mais amplo e complexo, no qual ajudará a criança a aprender as múltiplas linguagens tão presentes na nossa sociedade, através da leitura e da escrita envolvidas em práticas de usos sociais.

O objetivo final da alfabetização é o uso do código alfabético de uma forma funcional, ou seja, entender como o alfabeto funciona associar, identificar grafemas e fonemas, formar palavras e, sucessivamente, frases e textos. Somente a partir daí, fazer a leitura textual global. Para que a criança compreenda o que lê, é preciso que ela entenda como funciona a leitura e a escrita, pois não adianta querer que ela tenha uma compreensão total no início do processo de alfabetização, visto que esse processo tem etapas que precisam ser respeitadas. Neste sentido, e sabendo que a leitura e a escrita são base para toda escolaridade, devemos desenvolvê-la de forma qualitativa, tornando-a um elemento bem trabalhado no decorrer da escolarização.

Sabemos que as crianças constroem hipóteses de leitura e escrita, mesmo antes de aprender o código, convencionalmente, pois ambas estão inseridas num contexto em que o sistema alfabético está exposto de diversas formas. A evolução dessas hipóteses e ideias

dependerá da origem social de cada criança e dos incentivos que recebe do meio ao qual está inserida. É a partir disso, que entra o papel da escola em oferecer oportunidades contínuas de contato e reflexão sobre o conhecimento letrado que rege as diversas práticas sociais. Diante deste entendimento buscamos refletir e compreender aspectos importantes que envolvem o processo de alfabetização de crianças.

A alfabetização é um processo com começo, meio e fim, num sentido restrito e num sentido amplo, o ser humano sempre está sendo alfabetizado, se tivermos a clareza de que, parafraseando Paulo Freire (2014), somos sujeitos inconclusos e inacabados. Nesta direção, o professor precisa ajudar o aluno a desenvolver habilidades necessárias, tais como: compreensão, vocabulário, conhecimento alfabético e consciência fonológica, conceitos que são indispensáveis à construção de um leitor proficiente e sujeito de sua própria história. Entretanto, para que esse objetivo seja alcançado é preciso saber como funciona o processo de ensino de ensino e de aprendizagem; quais as etapas que o alfabetizando passa até ser considerado alfabetizado e como desenvolver a competência leitora da criança em processo de alfabetização.

Portanto, a metodologia deste estudo baseou-se numa pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, uma vez que houve a aplicação de um questionário a uma professora da turma multisseriada de uma escola da zona rural do município de Puxinanã-PB, na qual foram abordadas questões sobre a alfabetização, em meio aos desafios enfrentados no ensino remoto. Com isso, nos ancoramos nos estudos de alguns autores, tais como: Cagliari (1997), Ferreiro e Teberosky (1999), Mendonça e Mendonça (2007), entre outros.

Por último, esse estudo está estruturado da seguinte forma: a contextualização histórica da alfabetização; alfabetização através das cartilhas; o que é necessário para alfabetizar e suas implicações no ato de ler e escrever; a realidade e os desafios de uma professora alfabetizadora numa turma multisseriado na zona rural no ensino remoto; metodologia, dados coletados e análise dos dados no ensino remoto; considerações finais; referências e anexos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ALFABETIZAÇÃO

Há décadas o sistema educacional brasileiro busca resolver a defasagem de aprendizagem, especialmente na alfabetização. Nesta busca, professores e estudiosos procuram estabelecer uma teoria, técnica ou método que seja mais eficaz e que, de fato, traga resultados positivos.

Historicamente, a questão dos métodos, sejam eles analíticos ou sintéticos, de ensino inicial da leitura e da escrita advém da antiguidade e foram sendo modificados, aperfeiçoados, ao longo do tempo, baseados nos estudos científicos. Segundo Araújo (1996 apud MENDONÇA; MENDONÇA, 2007, p. 19 - 20),

A história da alfabetização pode ser dividida em três grandes períodos: o primeiro inclui a Antiguidade e a Idade Média, quando predominou o método da soletração; o segundo, que se inicia pela reação contra o método da soletração, entre os séculos XVI E XVIII, estende-se até a década de 1960, e se caracterizou pela criação de novos métodos sintéticos e analíticos; e o terceiro período, marcado pelo questionamento e refutação da necessidade de se associar os sinais gráficos da escrita aos sons da fala para aprender a ler, iniciado em 1986, com a divulgação da Psicogênese da língua escrita.

O método de soletração, também denominado alfabético ou ABC, predominante nessa época, levava o aluno à memorização das letras e de algumas sílabas afastando-se do significado das palavras, desconsiderando a realidade do aluno, tornando-se uma prática vazia de sentido e dificultando a compreensão do sistema de escrita. Conforme Marrou (1969, apud MENDONÇA; MENDONÇA, 2007, p. 20),

A alfabetização ocorria por um processo lento e complexo, iniciava-se pela aprendizagem das 24 letras do alfabeto grego e as crianças tinham que decorar os nomes das letras (alfa, beta, gama, etc.), primeiro na ordem alfabética, depois em sentido inverso. Somente depois de decorar os nomes é que era apresentada a forma gráfica. A tarefa seguinte era associar o valor sonoro (antes memorizado) à respectiva representação gráfica (escrita).

Segundo Mendonça e Mendonça (2007), a mesma sistemática de progressão (letra, sílaba, palavra, texto) era utilizada na Idade Média. Neste sentido, segundo período da história da alfabetização pode ser descrito da seguinte maneira,

A partir do século XVI, pensadores começam a manifestar-se contra o método da soletração, em função da sua dificuldade. Na Alemanha, Valentin Ickelsamer apresenta um método com base no som das letras de palavras conhecidas pelos alunos. Na França, Pascal reinventa o método da soletração: em lugar de ensinar o nome das letras (efe, eme, ele, etc) ensinava o som (fê, lê,mê), na tentativa de facilitar a soletração. Em 1719, Vallange cria o denominado método fônico com o material chamado “figuras simbólicas”, cujo objetivo era mostrar palavras acentuando o som que se queria representar. Entretanto, o exagero na pronúncia do som das consoantes isoladas levou tal método ao ridículo e ao fracasso (MENDONÇA; MENDONÇA, 2007, p. 21-22).

Ainda de acordo com Mendonça e Mendonça (2007), foi a partir desse contexto que nasceu o método silábico na França,

Visando a superação das dificuldades do método fônico, na França foi criado o método silábico: estratégia de unir consoante e vogal formando a sílaba, e unir as sílabas para compor palavras. No método silábico, ensina-se o nome das vogais, depois o nome de uma consoante e, em seguida, são apresentadas as famílias silábicas por elas compostas. Ao contrário do fônico, no método de silabação, a sílaba é apresentada pronta, sem se explicar a articulação das consoantes com as vogais. Na sequência, ensinam-se as palavras compostas por essas sílabas e outras já estudadas (MENDONÇA; MENDONÇA, 2007, p. 23-24).

O método global integra o conjunto dos métodos analíticos que preconizam que a aprendizagem deve ocorrer orientando-se no sentido de iniciar do todo para as partes que, segundo Mendonça e Mendonça (2007, p. 24-25),

O método global surgiu com a finalidade de partir de um contexto e de algo mais próximo da realidade da criança, pois se sabe que a letra ou a sílaba, isoladas de um contexto, dificultam a percepção, pois são elementos abstratos para o aprendiz. [...] Insistia-se que o professor deveria ficar o maior tempo possível na fase da exploração global das palavras, para só depois fazer a análise da palavra em sílabas.

Em suma, os métodos sintéticos e analíticos criados no segundo período da alfabetização são classificados, da seguinte maneira, por Mendonça e Mendonça (2007, p. 26),

Assim, os métodos da soletração, o fônico e o silábico são de origem sintética, pois partem da unidade menor rumo à maior, isto é, apresentam a letra, depois unindo as letras se obtém a sílaba, unindo as sílabas compõem-se palavras, unindo palavras formam-se sentenças e juntando sentenças formam-se textos. Há um percurso que caminha da menor unidade (letra) para a maior (texto). Os métodos da palavrção, sentencição ou os textuais são de origem analítica, pois partem de uma unidade que possui significado, para então fazer sua análise (segmentação) em unidades menores.

Os variados métodos de alfabetização tiveram um importante papel no processo de ensino e aprendizagem das crianças, sendo estes, considerados adequados ou não. E foram sendo modificados, aperfeiçoados ou até banidos de acordo com a evolução dos estudos e pesquisas científicas, as quais buscaram entender como a criança aprende. A partir daí a preocupação em focar no mais eficaz método de ensino foi perdendo sua centralidade.

3 ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DAS CARTILHAS.

Para nossas discussões e reflexões é importante registrar o percurso histórico da utilização da Cartilha em nosso país. Destarte, com base nos estudos da pesquisadora Maria do Rosário Mortatti intitulado '*Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular*' temos uma sùmula sobre a temática, segunda ela:

Embora já na segunda metade do século XIX encontre-se cartilhas produzidas por brasileiros, o impulso nacionalizante nesta área se faz sentir, especialmente em alguns estados, a partir da década de 1890, solidificando-se nas primeiras décadas do século XX, quando se observa o engendramento de fenômenos correlatos: apoio de editores e especialização de editoras na publicação deste tipo de livro didático; surgimento de um tipo específico de escritor didático profissional- o professor; e o processo de institucionalização da cartilha, mediante sua aprovação, adoção, compra e distribuição às escolas, por parte de órgãos do governo estadual (MORTATTI, 2000, p. 42).

Isto significa que, para além da institucionalização da Cartilha, a partir da década de 1890, por muito tempo, foi comum o uso das cartilhas como recurso didático usado por educadores no processo de alfabetização. As cartilhas difundiam um método padronizado, apresentavam-se como materiais simples, com exercícios sequenciais e estruturados, no qual explorava palavras em sua forma global, seguido de estudo da sequência do silabário associados às ilustrações que representavam uma palavra em destaque. Nesse sentido, a alfabetização, por meio das cartilhas, tinha como finalidade a memorização das letras, associando-as aos sons e seus contornos, desenvolvendo, assim, as habilidades motoras e de percepção visual.

No que concerne à questão do surgimento das cartilhas como material didático Mendonça e Mendonça reforçam,

A cartilha surgiu da necessidade de material para se ensinar crianças a ler e a escrever. Até então, elas aprendiam em livros que eram levados de casa, quando tinham algum livro em casa. No século XVI, surge o silabário, a primeira versão do que seria a cartilha. As cartilhas brasileiras tiveram origem em Portugal (que chegou a enviar exemplares, a suas colônias, para a alfabetização. ...)A partir de 1930, cresceu consideravelmente o número de cartilhas publicadas, pois isso passou a ser um grande negócio. Por volta de 1944, surge o Manual do professor, cuja função é orientar o professor quanto ao correto uso do material. E o mercado de cartilhas continuou a crescer. Em pesquisas realizadas nos anos 60 e 80, as principais

cartilhas adotadas o Estado de São Paulo eram Caminho Suave, Quem sou eu?, e Cartilha Sodré (anos 60); No Reino da alegria, Mundo Mágico e Cartilha Pipoca (anos 80) (MENDONÇA; MENDONÇA, 2007, p. 27-28).

As cartilhas foram importantes para o processo de alfabetização, muitos de nós fomos alfabetizados através do uso delas ou conhecemos alguém que tenha sido. Porém, atualmente, com base em estudos científicos avançados podemos considerar que esse tipo de material não atende mais às demandas de ensino e aprendizagem das crianças. Como Analisa Mendonça e Mendonça (2007, p. 34),

Durante décadas, a escola alfabetizou por meio da cartilha e, com a evolução dos conhecimentos sobre a alfabetização, observamos que tal metodologia se tornou insuficiente para atender às exigências da sociedade atual. Hoje não basta um aluno saber apenas codificar e decodificar sinais. Não é suficiente conseguir produzir um pequeno texto, há a necessidade de que saiba se comunicar plenamente, através da escrita, utilizando os diversos tipos de discurso.

Segundo a concepção de ensino que enfatiza o uso das cartilhas, o processo de aprendizagem acontece quando o aluno passa a acumular informações através de atividades centralizadas na cópia e memorização das famílias silábicas. No entanto, uma perspectiva crítica do processo de ensino e aprendizagem analisa que esse tipo de conduta resultará num leitor mecanizado e vazio de sentido e significado, isto porque não há uma preocupação em trabalhar a reflexão dos conteúdos trabalhados. As produções textuais realizadas, neste sentido, são apenas um amontoado de frases sem conexão, ou seja, sem coerência e coesão, sem um sentido real que agregasse conhecimento novo à aprendizagem do aluno. Hoje, sabemos que um “bom” leitor é aquele que utiliza a leitura e a escrita como ferramenta de aprendizagem e de comunicação de maneira que consiga construir significados nas relações pessoais e interpessoais e transformar o seu pensar e agir.

4 O QUE É NECESSÁRIO PARA ALFABETIZAR E SUAS IMPLICAÇÕES NO ATO DE LER E ESCREVER

O processo informal de alfabetização inicia-se desde os primeiros contatos da criança com o mundo por meio das relações que estabelece com os seus pais e outras pessoas que convivem, de forma direta ou indiretamente, nas diversas situações de linguagem envolvidas nos diálogos, brincadeiras e nomeação das coisas em geral. E, assim, o meio lhe fornece oportunidades de observar e participar das relações sociais as quais estão inseridas. Nesse processo, a criança busca respostas às suas curiosidades, assim como, adquire um universo de conhecimentos, a partir da interação com os outros e com o meio. Portanto, é necessário sabermos que a alfabetização é um processo que ultrapassa o ato de aprender a ler e a escrever.

Neste sentido, é imprescindível que o educador responsável pelo processo de alfabetização consiga unir teoria e prática, como elementos indissociáveis, além de procurar entender na prática como funciona o processo de ensino e aprendizagem voltado para a alfabetização. Isto porque entendemos que o sucesso deste processo interfere diretamente na vida escolar do educando e tem influência duradoura,

A alfabetização é, sem dúvida, o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção da escrita foi o momento mais importante da

História da humanidade, pois somente através dos registros escritos o saber acumulado pode ser controlado pelos indivíduos (CAGLIARI, 1997, p. 10).

Ainda como ressalta Cagliari (1997, p. 9),

O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Dessa forma, visto a complexidade deste processo, o professor alfabetizador precisa se entender como instrumento potencializador do desenvolvimento do aluno de modo a respeitar as fases de aprendizagem nas quais a criança se encontra, logo, contribuindo para que esta se aproprie das múltiplas linguagens, tão presentes no seu contexto social e escolar.

As competências de leitura e de escrita são uns dos principais eixos para as demais aprendizagens, pois, a nosso ver, são à base de, praticamente, todas as atividades que se realizam na escola e nas diversas áreas do conhecimento.

A alfabetização formal inicia-se nos primeiros anos do ensino fundamental, entre 6 e 7 anos de idade, mas é possível desenvolver habilidades e competências deste processo ainda na fase da primeira infância ou idade pré-escolar, seja no meio familiar ou no meio escolar. Nesta fase, a criança pode entrar em contato com diferentes práticas de linguagem, sejam elas orais ou escritas, ouvindo e recontando histórias, dialogando de forma natural, cantando cantigas, recitando poemas, observando materiais impressos como livros, cartazes, faixas, outdoors, fachadas de lojas, embalagens de produtos de uso habitual, entre outros. Adquirindo assim experiências e conhecimentos sobre a leitura e a escrita de maneira lúdica e significativa em um ambiente de estímulos variados, e adequados à idade da criança, contribuindo para seu desenvolvimento cognitivo.

A aprendizagem da leitura e da escrita depende em grande parte da bagagem linguística recebida pela criança antes de ingressar no ensino fundamental, nas práticas realizadas em casa ou em outros ambientes. As situações vividas nos primeiros anos, tanto no ambiente familiar quanto na creche e na pré-escola podem ser altamente benéficas para aprender a ler e a escrever. (NATIONAL EARLY LITERACY PANEL, 2009; OEA, 2018 apud Brasil 2019, p. 30).

Neste sentido, não se pode obscurecer que durante o processo de alfabetização pode haver, também, equívocos na ação docente, vide a tendência ao fazer pedagógico tradicional ainda muito presente e arraigada na prática de muitos colegas. Um exemplo é a controversa ação de exigir que o aluno se adapte a metodologia de ensino do professor, colocando assim a carga da dificuldade de aprendizagem sobre o aluno, quando na verdade é o professor que deve adaptar sua metodologia ao processo de aprendizagem do aluno. Podemos, também, apontar aqueles docentes que se sentem perdidos sobre como, de fato, colaborar com o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à alfabetização. Acreditamos que, para este caso, a melhor forma de sanar essa dificuldade latente é estudar da literatura disponível, buscar refletir sobre a prática sob a luz dos teóricos nos faz entender que não há um método ou procedimento capaz de ser replicado em todos os diversos contextos de aprendizagem, mas há a possibilidade de desenvolvermos o melhor método a ser aplicado e adaptado à realidade do nosso aluno.

Não é à toa que, nas mais diversas avaliações nacionais e internacionais, o Brasil está entre os piores índices do mundo no que se refere à defasagem em alfabetização. Considerando que esta, não é um processo natural como falar, andar, comer, não ocorre de modo espontâneo. Alfabetizar requer uma metodologia de ensino estruturada, conhecer os processos e etapas que a criança passa ao longo do seu desenvolvimento.

Não se trata de alfabetizar as crianças na Educação Infantil, mas proporcioná-las as múltiplas linguagens, de modo que fomenta, nas crianças, um processo contínuo de desenvolvimento para a entrada da criança na cultura escrita.

Por outro lado, é importante considerar que a criança é, naturalmente, propensa à curiosidade, ao interesse de saber, conhecer, experimentar o novo. Através desse interesse o professor pode proporcionar momentos de indagações e descobertas que além de trazer novos caminhos e estimular a aprendizagem, ajudará a desenvolver uma consciência em relação à leitura e à escrita. O educador enquanto mediador da aprendizagem tem como uma de suas funções identificar o que cada criança já sabe e a partir disso planejar e realizar atividades adequadas que auxiliarão no desenvolvimento do alfabetizando.

Sabemos que é comum, dentro de uma turma, encontrarmos diferentes níveis de saberes. Pois, o acesso a diferentes tipos de textos e o hábito da observância dos mesmos dependerá, além de outros elementos, do contexto familiar do qual estão inseridos cada aluno. As crianças poderão reconhecer letras, trechos de cantigas, rótulos de produtos de uso cotidiano, a escrita do seu próprio nome, entres outros, ou nem saber identificá-lo.

Portanto, faz-se necessário realizar uma sondagem, uma avaliação diagnóstica, e com base nela elaborar ações que guiarão as atividades a serem desenvolvidas para o avanço de cada um e assim percorrer o caminho mais adequado para a alfabetização das crianças. De acordo com estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), é nessa direção que a criança se apropria, conscientemente ou não, do processo de aquisição da escrita, no que tange às habilidades de ler e escrever, baseados em cinco níveis, que conhecemos como níveis de escrita da criança. O trabalho de professores que seguem essa linha de pensamento construtivista é guiado a partir da abordagem destes níveis, pois, só assim, compreendem em que nível de escrita a criança se encontra para que ela possa avançar. Sobre as autoras citadas é importante destacar que ambas são psicólogas e deram uma grande contribuição para a alfabetização, quando descobriram como a criança aprende, com base nos níveis de escrita.

Durante boa parte do século passado, os alfabetizadores exploravam o método tradicional de alfabetização, que se materializam nas atividades de cópia e memorização das famílias silábicas, em que ler era decorar sílabas e escrever era repeti-las de forma exaustiva e sem significado com relação ao seu aspecto comunicativo.

No entanto, ao contrário do que preconiza o método tradicional, corroboramos com a concepção de que mediar o processo de alfabetização exige pesquisa científica, capacitação e estudo constante para compreender como funciona o desenvolvimento intelectual das crianças e assim poder planejar a rotina de práticas pedagógicas e realizar atividades adequadas e fundamentais que auxiliará no avanço da turma. Sabendo que esse estudo pode variar de aluno para aluno, de turma para turma. Pois exige, de fato, uma construção, (des)construção e (re)construção do fazer pedagógico, nessa área do alfabetizar, sobretudo quando compreendemos que há diferentes facetas que precisam ser levadas em consideração, segundo Magda Soares no seu livro: *Alfabetização - A Questão dos Métodos* (2016).

Dito isto, é importante enfatizar que, geralmente, os alunos dos anos iniciais, e em específico do 1º ano, têm diferentes níveis de conhecimento sobre o sistema de escrita alfabético e às práticas sociais de linguagem em que ele se expressa. O desafio do alfabetizador, em termos de práticas psicogenéticas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky

(1999), é identificar práticas essenciais que façam com que o aluno, especificamente, em transição do nível alfabético e não-alfabético, avance.

Nessa direção, ler é uma atividade fundamental e indispensável que torna viável a aprendizagem de novos conhecimentos. Pois:

A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita como já disse inúmeras vezes, é a leitura. (...) Às vezes, ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico. Outras vezes, requer um trabalho paciente, perseverante, desafiador, semelhante à pesquisa laboratorial. A leitura pode também ser superficial, sem grandes pretensões, uma atividade lúdica (...) (CAGLIARI, 1997, p. 149).

No sentido amplo da leitura, é importante destacar que, no momento da leitura, os alunos precisam ser capazes de compreender o que leem perceber o que está explícito e o que está subentendido e as intenções do autor. O ato de ler tem que ser uma prática prazerosa, sem forçar e desrespeitar a criança. Deve ser desenvolvida com cautela, para não se tornar uma atividade exaustiva, mas que seja no cotidiano da sala de aula um momento agradável, lúdico, seguro e acolhedor para o alfabetizando, onde haja a troca de conhecimentos e experiências, e que se torne algo habitual no dia-a-dia e não apenas uma prática informativa e obrigatória. Segundo Cagliari,

Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar. Mas, se frustrarmos as crianças não lhes dando essa chance ou, pior ainda, se substituirmos essa leitura gostosa por textos mal escritos, enfadonhos, estranhos, o que vamos esperar delas depois? Que graça tem a escola? Para que serve ler e escrever? [...] (1997, p. 169).

O alfabetizador tem o desafio de ensinar o aluno a ler da forma mais simples possível, de despertar o desejo de aventurar-se no mundo da leitura, conquistando assim o aluno leitor, através de uma dinâmica que explore a imaginação do mesmo, desperte olhares e instigue perguntas, formule novas ideias e amplie seu conhecimento e desenvolvimento intelectual. Ler não é só interpretar o que está escrito, grafocentricamente, no papel e compreender o texto através de questionamentos rasos, tais como: Qual o título do texto? Quem é o autor? E etc. O “bom” leitor se envolve com o escrito fazendo conexões entre as informações nele contido e o conhecimento de mundo, tem a autonomia de concordar ou discordar com a ideia do autor do texto, faz perguntas e se envolve com o escrito.

Na escola, a leitura serve não só para se aprender a ler, como para aprender outras coisas lendo. Serve ainda para se ensinar e treinar a pronúncia dos alunos no dialeto padrão e em outros, a leitura é uma maneira de se aprender o que é escrever e qual a forma ortográfica das palavras. Para conseguir esses objetivos da leitura é preciso planejar as atividades de tal modo que se possa realizar o que pretende. A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, (...) a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, e não a escrita, será a fonte perene de educação, com ou sem escola (CAGLIARI, 1997, p. 172-173).

O exercício da leitura uma vez interiorizado é um conhecimento que o sujeito levará para toda a vida. A leitura permeia suas ações em quaisquer situações de comunicação e informação nas relações pessoais e interpessoais e na aquisição de conhecimentos novos.

Portanto, é essencial que o professor traga para a sala de aula, as múltiplas linguagens, que se materializam, de uma forma ou de outra, tanto na oralidade, como na diversidade textual que existe fora da sala de aula e proporcionar situações na qual a leitura dos mais variados textos faça sentido e dê acesso ao conhecimento letrado.

Para estimular o interesse das crianças pelo mundo da leitura e da escrita é importante inserir atividades apropriadas que explorem as práticas de linguagens. As crianças aprendem por meio de experiências, por isso elas precisam de oportunidades para desenvolver-se, e essas experiências podem ser oportunizadas, através de atividades com foco na oralidade, leitura e escrita.

Dentre um mundo de possibilidades, destacamos algumas delas.

- Ler ou contar histórias em voz alta para as crianças e convidá-las a contar suas próprias histórias. Vale ressaltar a importância de trabalhar com a variedade de gêneros textuais que temos acesso no cotidiano e que fazem parte do currículo escolar.
- Promover rodas de conversa ajudando as crianças a desenvolver seu vocabulário, raciocínio e a elaborar ideias.
- Criar um cantinho da leitura com livros, gibis, revistas, jornais e outros materiais escritos os quais a criança possa folheá-los e interagir com a escrita.
- Incentivar as crianças a expressar suas ideias no papel, mesmo que não saibam ler e escrever convencionalmente, as tentativas autônomas de escrita ajudam a compreender e associar os fonemas e grafemas.

O processo de alfabetização engloba essas e muitas outras práticas que, de forma lúdica, prazerosa e a partir de uma metodologia bem elaborada, potencializará o aprendizado das crianças levando-as a compreensão de que a leitura e a escrita têm uma função social e fazem parte do nosso cotidiano e ajuda na aprendizagem de novos conhecimentos de uma forma contínua.

5 A REALIDADE E OS DESAFIOS DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA NUMA TURMA MULTISSERIADA NA ZONA RURAL NO ENSINO REMOTO

Desde que a pandemia do Coronavírus - COVID-19 se instalou no mundo, grande parte dos governos estaduais e municipais optou pelo fechamento total das escolas como medida de contenção da disseminação do vírus entre a população brasileira.

Porém, mesmo que gestores e professores busquem fazer o melhor possível para garantir o acesso ao saber, no ensino remoto, através do uso das ferramentas digitais, há vários fatores que acabam contribuindo para uma defasagem na aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, contribuindo para o aumento da desigualdade social, quando sabemos que, nem todos, tem acesso às novas tecnologias, sobretudo, os estudantes de baixo poder aquisitivo. Portanto, ameaça o acesso à uma educação de qualidade, que tanto lutamos.

Mesmo vivendo em um mundo de tecnologias digitais avançadas, nem todos têm acesso às mesmas, ou conhecimento de como utilizá-las adequadamente no processo de ensino e aprendizagem. Muitos professores precisaram se reinventar e aprender a utilizar as ferramentas/plataformas digitais, realizar atividades on-line e avaliar os alunos a distância, devido à necessidade, uma vez que essa prática é algo novo e, a meu ver, para sanar uma situação atípica na nossa sociedade e, mais especificamente, no âmbito educacional.

Neste contexto, nos deparamos com diversas situações, desde alunos de famílias desfavorecidas economicamente que não têm acesso a recursos indispensáveis para o ensino remoto. Comprometendo, demasiadamente, o resultado das aprendizagens.

A realidade da escola pública difere e muito da realidade da escola privada, sobretudo, se levarmos em consideração que, há famílias, que não dispõem de tempo suficiente para ajudar as crianças, auxiliando-os com as aulas online e a resolução das atividades, pois muitos pais e/ou responsáveis estão trabalhando em Home Office ou externamente para garantir o sustento familiar. Já outros, não possuem habilidades que possibilitem o acesso às plataformas digitais e aos materiais on-line e/ou baixo nível de escolaridade. Todas essas questões devem ser levadas em conta ao avaliar e pensar a educação em tempos de pandemia. É evidente, que toda essa situação gerará um aumento da desigualdade da educação e no avanço da aprendizagem do aluno.

Em meio à nova realidade, a escola persiste em alcançar seu objetivo principal, que é proporcionar ao aluno um conteúdo de qualidade para que ele obtenha um aprendizado satisfatório, entretanto, esse objetivo torna-se “fragilizado”, em razão de envolver uma série de fatores: Estudar em casa exige uma série de modificações no ambiente e na rotina familiar, afinal é necessário um espaço adequado e silencioso para que as aulas ocorram com conforto. E, a rotina cotidiana de uma casa, por si só, já torna essa tarefa difícil de ser executada. Esta é uma situação que atinge não só alunos, mas aos próprios professores.

Neste sentido, se refletirmos sobre a dificuldade de lecionar na modalidade presencial a uma turma multisseriada na escola de zona rural, já não é nada fácil, por si só, pressupõe então, se considerarmos fazê-lo à distância, uma vez que o professor é desafiado a trabalhar com alunos de níveis distintos, realidades de vida e contexto familiar bem distinto.

Portanto, a alfabetização é processo complexo, com múltiplas dimensões que implica aprendizagens diversas e intervenção intencional e sistemática que crie condições de experimentação da escrita pelas crianças em que elas possam conhecer e utilizar os diversos modos como a escrita circula na sociedade, se apropriar das convenções do sistema alfabético, desenvolver procedimentos e habilidades necessários à leitura e à produção de textos em contextos significativos e relevante à vida das crianças, como propôs Vygotsky (1998), incorporando à brincadeira, a imaginação, a fantasia. Como propiciar essas condições em um contexto de atividade remota? A suspensão das aulas presenciais trouxe esse desafio para gestores, professores e familiares. Nas redes públicas, dadas as dificuldades das famílias em relação ao acesso ao contato digital, mesmo nos contextos em que foram desencadeadas estratégias de manutenção de atividades, não houve a mesma sistematicidade em termos de frequência, duração e adequação às necessidades pedagógicas das crianças. Novas questões emergiram: como manter vínculos com as crianças das escolas públicas se suas condições de conectividade remota são precárias ou inexistentes? Como proceder com as crianças dos dois primeiros anos ainda não alfabetizadas? Como dar prosseguimento ao processo de alfabetização em atividades significativas a elas e às suas vidas e com intervenções necessárias ao avanço no modo remoto? (MENESES; FRANÇA; LOPES, 2020, p. 03).

Oferecer uma alfabetização de qualidade às nossas crianças não é uma tarefa simples, e isso se torna ainda mais desafiador diante das novas demandas que enfrentamos atualmente em nossa sociedade. As crianças em fase de alfabetização enfrentam diversas dificuldades no ensino remoto, entre elas a falta de interação com outras crianças e de uma rotina escolar presencial em que haja uma mediação mais efetiva do alfabetizador. Por mais que os pais e/ou responsáveis se esforcem para dar um suporte às crianças, o ambiente domiciliar não é adequado para instigar a estímulos de nível acadêmico e que tenha suportes viáveis e indispensáveis na rotina escolar a qual a criança teria na escola. Nesse sentido, cabe ao professor, reinventar-se, buscando tornar o ensino remoto eficaz e lúdico estimulando através de metodologias bem estruturadas a aprendizagem da leitura e da escrita da melhor forma

possível, tornando-a significativa para a criança, auxiliando-a a avançar mesmo estando em isolamento e restrições sociais.

6 METODOLOGIA, DADOS COLETADOS E ANÁLISE DOS DADOS NO ENSINO REMOTO

Esta pesquisa foi realizada com uma professora que atua numa classe multisseriada em uma das escolas da zona rural no município de Puxinanã-PB. Os objetivos da pesquisa foram: Conhecer os desafios de uma professora em alfabetizar crianças trabalhando com uma turma multisseriada no ensino remoto e compreender como o processo de alfabetização vem acontecendo a partir do ensino remoto. A coleta de dados se deu através de um questionário com 25 perguntas abertas, traçadas, a partir dos objetivos deste estudo. O procedimento de análise dos dados se baseou na abordagem da análise de conteúdo.

A professora participante, de 22 anos de idade, graduanda do curso de Pedagogia, matriculada no 8º período, ainda, faz simultaneamente, os cursos de especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica e Educação Infantil (ambos realizados em instituição privada de ensino), está há cinco anos em sala de aula, sendo quatro destes anos em classes de Educação de Jovens e Adultos - EJA e no ano corrente na turma multisseriada. Desde que iniciou seu trabalho docente assumiu turmas multisseriadas na EJA. Atualmente, segue sua docência em turma multisseriada, mas desta vez com turma de crianças.

Com estas informações, a partir de agora conheceremos e refletiremos sobre as respostas dadas pela professora participante ao nosso estudo:

Quadro 1 – Pergunta 01

Qual é a quantidade de alunos? E como estão distribuídos nas séries que formam a classe multisseriada?

R: Minha turma atual possui 12 crianças. Sendo 4 alunos de primeiro ano do fundamental, 4 alunos do pré 1 e 4 alunos do maternal 2.

Fonte: ANEXO A - Roteiro de entrevista ao Professor, 2021.

O fato de a professora atender crianças de idades variadas e, queiramos ou não, têm saberes diferentes, em razão de ser uma turma multisseriada, exige do professor mais dedicação, de modo que a metodologia não é voltada apenas para uma faixa etária, como acontece nas turmas seriadas. Fica evidente, que há um aumento de jornada de trabalho extraclasse considerando o planejamento de aulas, a preparação de atividades que contemple as habilidades mais específicas de cada faixa etária e os diferentes níveis de conhecimento, além do tempo dedicado a estudos e pesquisas para melhorar o desempenho da didática de ensino que atenda às necessidades de aprendizagem dos alunos.

É importante considerar que as crianças possuem especificidades que demandam acolhimento e é necessário oferecer possibilidades de aprendizado que envolva desafios e ludicidade dentro de suas condições sociais. Destarte, é fundamental e indispensável que o professor conheça a relação entre a escola e a sociedade. Corroboramos com Cagliari (1997) quando afirma que o espaço de trabalho de um professor não se restringe à sala de aula. Então, é preciso buscar os rumos e ritmo que considera mais adequado a sua turma.

Esse contexto apresenta grandes desafios para a professora devido à heterogeneidade da turma. Ela tem a responsabilidade de criar condições para que seus alunos se desenvolvam partindo de suas particularidades. Como ressalta a PNA, é necessário oferecer a toda criança as condições que possibilitem aprender a ler e a escrever nos anos iniciais do ensino fundamental.

Quadro 02 – Pergunta 02

Como você define o trabalho de um/a professor/a em turma multisseriada?

R: O trabalho do professor nessas turmas é muito desgastante, se avaliarmos que o mesmo necessita atuar ao mesmo tempo em quantas séries sua sala houver, ou seja, no meu caso tenho três níveis diferentes, então são três planos de aula, três tipos de abordagem em atividades diversas, além dos livros didáticos a serem analisados para serem trabalhados. A didática se compromete, interferindo assim no trabalho do professor e na aprendizagem das crianças. Então necessita-se que o professor tenha agilidade e muito jogo de cintura para que os alunos não se sintam excluídos.

Fonte: ANEXO A - Roteiro de entrevista ao Professor, 2021.

Apesar de compreendermos a dificuldade exposta pela professora participante acreditamos numa perspectiva diferente sobre a questão, partimos do pressuposto apresentado por Molinari, em entrevista à revista Nova Escola (2009), e concordamos que,

O maior problema é organizar o tempo didático. Quando se deparam com crianças de várias séries ou ciclos, com diferentes necessidades de aprendizagem, dividindo o mesmo espaço e a atenção deles, os docentes pensam que a solução é fazer planejamentos distintos para cada grupo. Porém essa nunca foi uma estratégia eficiente, pois o professor, durante a aula, precisa correr de um lado para o outro tentando atender a todos e, obviamente, ele não dá conta de acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos. Se tiver de optar por dar mais atenção a um determinado grupo, certamente se dedicará aos que estão em fase de alfabetização, deixando os outros com atividades fáceis de executar para o nível deles - não demandando a intervenção docente -, o que não lhes propicia a construção de conhecimento (2009, on-line).

Analisando a resposta da professora, entendemos que, mesmo que não perceba, ela apresenta dificuldades em organizar seu tempo didático, pois foi orientada a planejar diferentes planos de aula de acordo com os livros e o nível de cada segmento, ação que aumenta sua carga de trabalho. Para facilitar e tornar mais viável sua metodologia de ensino, ela poderia tomar, como exemplo, a proposta didática sugerida pela pesquisadora argentina na citação anterior. Molinari (2009) defende que sejam desenvolvidas situações de aprendizagem que favoreçam a interação entre alunos de diferentes níveis de aprendizagem, essas atividades devem ser realizadas de maneira que potencialize o processo de ensino e aprendizagem, e consequentemente o desenvolvimento individual de cada aluno.

Quadro 03 – Pergunta 03

Você costuma participar de cursos e/ou encontros pedagógicos ou de formação continuada? Em caso afirmativo, responda: De que forma esses encontros contribuem para um melhor desempenho no seu trabalho com os alunos de turma multisseriada?

R: Sim, participo. Os encontros pedagógicos ocorrem bimestralmente, e algumas vezes na semana nas sextas feiras entre a coordenação do polo e professores dos mesmos e também ocorre algumas formações, realizadas em parceria entre a Foco Consultoria e a secretaria de educação. Recentemente, as formações da Foco visaram

o nosso contexto atual de ensino híbrido/remoto. Dentre elas participei de uma que tinha como objetivo nos direcionar para avaliar a aprendizagem no ensino remoto, esta ocorreu em agosto do ano passado. No mais, os encontros pedagógicos nos dão direcionamento de como progredir, trocamos experiências e vamos agregando coisas novas na nossa prática.

Fonte: ANEXO A - Roteiro de entrevista ao Professor, 2021.

Não podemos desconsiderar que as dificuldades de aprendizagem prejudicam as crianças e a própria educação brasileira e são irreversíveis, mas precisamos enxergar, também, as possibilidades de aprendizado e de superação da situação na qual nos encontramos. Neste sentido, acreditamos que deve fazer parte da prática do professor a busca constante em aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, é importante que o educador tenha uma rede de apoio pedagógico, o esforço e desejo em trilhar novos caminhos rumo ao desempenho satisfatório de seus alunos, não submetendo as crianças a metodologias incoerentes e desvinculadas de suas realidades.

De acordo com Cagliari (1997, p.13) os alfabetizadores precisam de uma formação especial, mais sólida e sofisticada, dada a importância e a complexidade de seu trabalho.

Assim, entendemos que o professor precisa participar de formações continuadas para que possa construir, desconstruir e reconstruir sua própria prática pedagógica, de modo a rever, compreender e reconhecer quais estratégias de ensino precisam ser melhoradas e adaptadas.

Nesse sentido, os alunos podem superar suas dificuldades durante o processo de aquisição da leitura e da escrita e, conseqüentemente, avançar no seu processo de alfabetização que exige motivação, ludicidade, disciplina para desenvolver sistematicamente a competência de reconhecimento de grafemas e fonemas para atingir a meta de ler e escrever, como preconiza Mendonça e Mendonça (2007, p. 95) e reitera Soares (2016) alfabetizar exige uma construção, (des)construção e (re)construção do fazer pedagógico.

Quadro 04 – Pergunta 04.

Cite as maiores dificuldades enfrentadas por você em alfabetizar crianças do 1º ano da escola rural no ensino remoto?

R: Bem, meus alunos do primeiro ano são a parcela da turma que não possui acesso à internet, então tem sido bem difícil acompanhar de fato como eles estão progredindo durante a semana. Outro ponto é que duas das crianças são de famílias pouco estruturadas então o empenho desses pais na formação dos filhos é baixa.

Fonte: ANEXO A - Roteiro de entrevista ao Professor, 2021.

Como vimos anteriormente, Cagliari (1997) em Alfabetização e Linguística considera a alfabetização como a etapa mais importante no processo de escolarização do indivíduo e ressalta a importância do professor ser um instrumento potencializador dessa etapa de aprendizagem da leitura e escrita, buscando desenvolver habilidades e competências de seus alunos a partir da compreensão e conhecimento de como a criança desenvolve-se e como ocorre o processo de aquisição do conhecimento.

A professora participante atribui o baixo desempenho das crianças à condição socioeconômica que possuem, a nosso ver, essa é uma questão que demanda uma pesquisa ampla, não podemos generalizar ou culpabilizar apenas um fator. Por outro lado, é necessário considerarmos a desigualdade de oportunidades de acesso ao conhecimento que os alunos de classes menos privilegiadas, como os da escola pesquisada, se encontram.

Portanto, para que esta realidade não acarrete consequências negativas para o futuro desses sujeitos, é importante pensarmos em um ensino de qualidade, e quando se fala na qualidade de ensino engloba diversos fatores que vão além da atuação dos professores, como por exemplo, o acesso a recursos mínimos indispensáveis que auxiliaram o trabalho docente. É preciso que esses alunos tenham contato com a escrita e a leitura através de livros literários, gibis e outros materiais impressos e que as práticas sociais estejam interligadas a esses tipos de materiais, essa estratégia pode auxiliar o desenvolvimento da curiosidade pelo mundo das letras, e estejam inseridos em práticas letradas.

Quadro 05 – Pergunta 05

Como você busca superar tais dificuldades?

R: Em relação ao primeiro ano, busco dialogar com as famílias sempre que elas se dirigem à escola para o recebimento do material (ATIVIDADES) da semana que ocorre às terças-feira e faço algumas observações do que foi devolvido. Então esse atendimento, embora rápido, vai nos conscientizando da importância de dar um auxílio às crianças em casa, lembrando de não tirar a autonomia das crianças na realização das atividades. Busco também manter o contato com as crianças neste atendimento da semana, assim consigo saber o que de fato vem *side* desenvolvido por eles.

Fonte: ANEXO A - Roteiro de entrevista ao Professor, 2021.

Como podemos perceber, o cotidiano do ensino remoto no processo de alfabetização vivenciado pela professora é cheio de desafios, sobretudo porque tudo é muito nebuloso, considerando que passamos por uma situação completamente atípica no mundo, como um todo. Essa dificuldade dá-se tanto para a criança quanto para a própria docente. Depois, pelo fato de os alunos se encontrarem no processo de aprendizagem da leitura e da escrita o qual requer a presença do professor para acompanhar de perto as inúmeras dificuldades que são de diversas origens. Isto porque só o professor detém o conhecimento científico pedagógico e didático para oportunizar a melhor forma de alfabetizar, mesmo que os pais e/ou responsáveis ajudem ao propiciar um ambiente leitor e auxiliando nas atividades, estes ainda não possuem formação adequada para tal.

Compreendemos, ainda, que uma parcela desses alunos não tem um suporte de ajuda e orientação na realização das atividades, por seus pais e/ou responsáveis não terem uma “boa” competência leitora.

Na busca de novos jeitos para ensinar, os professores tiveram que se reinventar, abrindo mão de certezas e de zonas de conforto dadas pela experiência profissional. Tiveram que se aproximar mais das famílias e, talvez, conhecer ainda mais seus alunos. Finalmente, tiveram que lidar com uma sobrecarga de trabalho que, não raro, veio de encontro com condições pessoais e familiares também impostas pelo distanciamento social (a presença de filhos em casa, a dificuldade de trabalho com as equipes pedagógicas, as inúmeras demandas das escolas, a indisponibilidade de equipamento técnico etc.) (COLELLO, 2021, p. 148).

Assim, como ressalta Colello (2021), a professora precisou se reinventar para dar continuidade à alfabetização de seus alunos do 1º ano, buscando novas táticas que atendam, tanto às crianças como aos responsáveis por elas. Para superar essa lacuna, busca manter um diálogo com as famílias e as crianças sempre que estes vão buscar as novas atividades impressas, semanalmente. Neste momento, as crianças acompanhadas por seus responsáveis levam as atividades da semana anterior e a professora faz uma breve correção e os orienta de acordo com as necessidades e dúvidas apresentadas.

Diante de uma realidade tão específica a qual os alunos do 1º ano e sua docente estão inseridos, é essencial o apoio das famílias para dar continuidade ao processo de alfabetização e manter o incentivo e o prazer em aprender.

Quadro 06 – Pergunta 06.

Você poderia indicar fatores que acha importante para que os pais e/ou responsáveis ajudem as crianças no processo de alfabetização?

R: Acredito que antes de tudo a sociedade como um todo necessita compreender o real papel da escola/educação escolar. Enxergando que a escola não é uma simples instituição social, mas a principal instituição que abarca, queiramos ou não, toda a sociedade e sua formação educacional. As famílias, nesse contexto pandêmico, puderam perceber a importância do papel do professor.

Fonte: ANEXO A - Roteiro de entrevista ao Professor, 2021.

Nesta fala a professora participante deixa claro sua visão sobre a função social escolar quando afirma que a escola precisa abarcar toda a sociedade, em contramão a esse discurso acreditamos que a escola já abarca toda a sociedade, visto que compreendemos que as crianças vivem em grupos sociais dos mais diversificados, além disso, seus pais, tios, avós também vivem dentro de um contexto social.

E, em sendo assim, a escola precisa trazer a família para o seu espaço para que possa orientar os pais e/ou responsáveis a se fazer presentes na vida escolar de seus filhos, buscando estimulá-los, tomando como base as próprias vivências diárias, nas quais as crianças possam ver a língua portuguesa, a matemática, a geografia e a história como aprendizado para a vida, assim como todas as disciplinas que estão no currículo escolar. É importante que as famílias busquem vivenciar as atividades com os filhos, que os deem suporte da forma que puderem e que a escola faça um trabalho de conscientização com os pais, de modo que os orientem. Pois,

Se a necessidade de apoio familiar no ensino remoto parece óbvia, a constituição dessa postura é muito mais complexa do que se pode imaginar, razão pela qual muitos pais ficaram desorientados. Alguns ajudam quando podem, por vezes, 150 delegando a tarefa a irmãos mais velhos. Outros tentam assumir o papel de professor, o que justifica, em muitos casos, sentimento de culpa pelas limitações metodológicas e pedagógicas, reconhecidas até mesmo pelas crianças. A esse respeito, são comuns os relatos: “Meu filho me diz que eu não sei ensinar, que não é assim que a professora faz”, “Na minha época, não era desse jeito que a gente aprendia... hoje a escola é diferente”. Há, ainda, aqueles que, com o propósito de garantir o cumprimento das tarefas escolares, fazem a lição das crianças e pedem que elas copiem “igualzinho”, no caderno, para mostrar para a professora (COLELLO, 2021, p. 149-150).

A mediação da família necessita ser feita, mesmo que tenhamos consciência de que não é algo simples de ser realizado, visto que depende de inúmeros fatores, tais como: desinteresse de algumas famílias, de alguns professores.

É importante destacar que os pais não devem assumir o papel de professores, diante da nova demanda de ensino das crianças, mas que, em parceria com a escola e, diante das orientações dadas pelo docente, busquem estimular e incentivar seus filhos nas atividades propostas, que façam o que estiverem ao alcance e siga os direcionamentos oportunizados pela escola.

Em uma etapa tão importante na vida escolar de um indivíduo, a alfabetização, que já é naturalmente desafiadora e se tornou ainda mais complexa frente ao ensino remoto em meio

a circunstâncias tão específicas, é de extrema necessidade a parceria entre escola e família. O comprometimento da família é essencial e indispensável para os alunos obterem sucesso para que as crianças se tornem alfabetizadas.

O trabalho docente, da professora em estudo, durante o ensino remoto só tem sido possível por meio de atividades impressas que são corrigidas no momento da entrega de um bloco de novas atividades. As habilidades de leitura e escrita estão presentes em todas as propostas de atividades que são entregues todas as terças-feiras.

Como podemos perceber o campo de atuação da professora está bem limitado devido à falta de acesso à tecnologia digital por parte dos alunos e pelos pais e/ou responsáveis terem um baixo nível de escolaridade o que dificulta o auxílio na execução das atividades. A ausência da mediação presencial da professora e da interação entre as crianças dificulta as condições mínimas para a alfabetização. Portanto, metodologias ativas precisam ser elaboradas e aplicadas para que não se perca o desejo de aprender a leitura e a escrita, apesar do distanciamento físico e de um ambiente alfabetizador propício. É preciso elaborar uma sequência didática que seja simples e de fácil compreensão englobando situações em que as crianças se coloquem como leitoras e escritoras mesmo sem saber ler e escrever convencionalmente, priorizando a qualidade em vez da quantidade das atividades propostas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral deste trabalho, refletir acerca das implicações no processo de aprender a ler e a escrever no ensino remoto, numa classe multisseriada, em uma das escolas da zona rural no município de Puxinanã-PB, consideramos que é de grande relevância compreendermos como se dá o processo de alfabetização. O aprendizado da leitura e da escrita é um processo complexo que exige o desenvolvimento de diversas habilidades e competências, e o alfabetizador tem o desafio de desempenhar seu papel de forma que potencialize esta aprendizagem.

Aprender a ler e a escrever constitui uma das etapas mais desafiadoras na vida de um indivíduo, é a base que sustentará toda uma vida escolar, oferecendo-lhe oportunidades de acesso ao conhecimento. Com as aulas suspensas devido à pandemia - COVID 19, novos desafios e novas realidades surgiram frente aos sujeitos envolvidos nesse processo. Foi preciso elaborar novas estratégias de ensino para que o processo de alfabetização não fosse interrompido e os alunos não saíssem prejudicados.

Diante do que a pesquisa apresentou foi possível compreender como o processo de alfabetização vem sendo trabalhado em meio ao cenário de desigualdades de aprendizagens no qual os alunos do 1º ano e suas respectivas famílias estão inseridos. A professora da turma em questão precisou se reinventar e elaborar novas propostas e estratégias para que os alunos continuem aprendendo de forma satisfatória, e conseqüentemente minimizar os impactos da pandemia na alfabetização das crianças.

Os resultados deste estudo apontam para uma questão relevante a ser pensada pelas autoridades e secretarias de educação: Que tipo de políticas públicas precisa ser desenvolvido no intuito de vir a contribuir para uma aprendizagem de qualidade de crianças que não tem acesso à internet e suportes digitais em meio à nova demanda de ensino? Percebe-se que o trabalho da professora é extremamente desafiador, além de ter de conciliar a metodologia de trabalho voltada a diferentes estágios de desenvolvimento dos alunos, precisa reinventar suas estratégias de ensino para que possa manter o contato com os alunos diante de um isolamento social e suas restrições, buscando assim, contribuir da melhor maneira possível com o

desenvolvimento da aprendizagem dessas crianças que vivem numa realidade em que o acesso ao conhecimento e ao mundo letrado está restrito devido à fatores como: a falta de acesso à internet que possibilite acompanhar os conteúdos através de vídeo aulas e instrução explícita da professora, a falta de incentivo e orientação dos pais na realização das atividades devido à baixa escolaridades dos mesmos.

Portanto, com base em nossos estudos, uma alternativa viável para este problema seria engajar um trabalho em conjunto envolvendo família e escola, no qual o alfabetizador busca qualificar-se e encontrar alternativas que ajude no processo de alfabetização, levando em consideração a realidade da criança, fazendo intervenções pedagógicas por meio de atividades escolares que possibilite a reflexão sobre aspectos da linguagem, e por meio de uma orientação contínua aos responsáveis por essas crianças para que estes assumam um papel de suporte no processo de aprendizagem dentro de suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. PNA: **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização em tempos de pandemia**. Convent International, n 35. São Paulo: CEMOrOc- FEUSP, jan./abr. 2021. Disponível em: https://12f7a472-3151-ab81-d2e6-789a72c3925c.filesusr.com/ugd/2fea7f_259163cf13e84da09193e6beb76a673e.pdf Acesso em: 27 de julho de 2021.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. **Alfabetização método sociolinguístico**. São Paulo: Cortez, 2007.

MENESES, M. M. N. L.; FRANÇA, A. C. G.; LOPES, D. M. C. **A Alfabetização em tempos de pandemia: o que dizem as lives?** In. Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - EPEN/ Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. XXV, 2020, Rio Grande do Norte. p. 02-07. **Anais eletrônicos...** Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/8345-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf Acesso em: 06 de agosto e 2021.

MOLINARI, Cláudia. **Claudia Molinari defende a diversidade no avanço de classes multisseriadas**. Revista Nova Escola, 219. ed, jan. 2009. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/977/claudia-molinari-defende-a-diversidade-no-avanco-de-classes-multisseriadas> Acesso em: 30 de julho de 2021.

MORTATTI, Maria do Rosário L. **Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular**. Cadernos CEDES, ano XX, n. 52, p. 41-54, nov. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Bt7RrtZ4TktqvRz9ZdbnMnj/?format=pdf&lang=pt> Acessado em 18 de julho de 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA AO PROFESSOR

Esta entrevista tem por objetivo coletar dados para embasar a pesquisa sobre a alfabetização: as implicações e desafios no processo de aprender a ler e escrever no ensino remoto. Os dados aqui coletados permanecerão em sigilo.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NOME: L. M

IDADE: 22 anos

SEXO: M () F (x)

CIDADE: Puxinanã- PB

TEMPO DE ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA: Estou no meu quinto ano em sala de aula, sendo destes quatro na Educação de Jovens e Adultos e iniciei no vigente ano na educação infantil.

FORMAÇÃO ACADÊMICA: 8º período da Graduação

de licenciatura em pedagogia, e iniciei este ano uma especialização em psicopedagogia institucional e clínica e educação infantil.

QUESTÕES

1. Qual é a quantidade de alunos? E como estão distribuídos nas séries que formam a classe multisseriada?

R: Minha turma atual possui 12 crianças. Sendo 4 alunos de primeiro ano do fundamental, 4 alunos do pré 1 e 4 alunos do maternal 2

2. Como você define o trabalho de um/a professor/a em turma multisseriada?

R: O trabalho do professor nessas turmas é muito desgastante, se avaliarmos que o mesmo necessita atuar ao mesmo tempo em quantas séries sua sala houver, ou seja, no meu caso tenho três níveis diferentes, então são três planos de aula, três tipos de abordagem em atividades diversas, além dos livros didáticos a serem analisados para serem trabalhados. A didática se compromete, interferindo assim no trabalho do professor e na aprendizagem das crianças. Então necessita-se que o professor tenha agilidade e muito jogo de cintura para que os alunos não se sintam excluídos.

3. Você costuma participar de cursos e/ou encontros pedagógicos ou de formação continuada? Em caso afirmativo, responda: De que forma esses encontros contribuem para um melhor desempenho no seu trabalho com os alunos de turma multisseriada?

R: Sim, participo. Os encontros pedagógicos ocorrem bimestralmente, e algumas vezes na semana nas sextas feira entre a coordenação do polo e professores dos mesmos e também ocorre algumas formações, realizadas em parceria entre a Foco Consultoria e a secretaria de educação. Recentemente, as formações da Foco visaram o nosso contexto atual de ensino híbrido/remoto. Dentre elas participei de uma que tinha como objetivo nos direcionar para avaliar a aprendizagem no ensino remoto, esta ocorreu em agosto do ano

passado. No mais, os encontros pedagógicos nos dão direcionamento de como progredir, trocamos experiências e vamos agregando coisas novas na nossa prática.

4. Cite as maiores dificuldades enfrentadas por você em alfabetizar crianças do 1º ano da escola rural no ensino remoto?

R: Bem, meus alunos do primeiro ano são a parcela da turma que não possui acesso à internet, então tem sido bem difícil acompanhar de fato como eles estão progredindo durante a semana. Outro ponto é que duas das crianças são de famílias pouco estruturadas então o empenho desses pais na formação dos filhos é baixa.

5. Como você busca superar tais dificuldades?

R: Em relação ao primeiro ano, busco dialogar com as famílias sempre que elas se dirigem a escola para o recebimento do material (ATIVIDADES) da semana que ocorre às terças-feira e faço algumas observações do que foi devolvido. Então esse atendimento, embora rápido, vai nos conscientizando da importância de dar um auxílio as crianças em casa, lembrando de não tirar a autonomia das crianças na realização das atividades. Busco também manter o contato com as crianças neste atendimento da semana, assim consigo saber o que de fato vem sendo desenvolvido por eles.

6. Você poderia indicar algumas coisas que acha importante para que os pais e/ou responsáveis ajude as crianças no processo de alfabetização dentro do novo contexto da sociedade?

R: Acredito que antes de tudo a sociedade como um todo necessita compreender o real papel da escola/educação escolar. Enxergando que a escola não é uma simples instituição social, mas a principal instituição que abarca, queiramos ou não, toda a sociedade e sua formação educacional. As famílias, nesse contexto pandêmico, puderam perceber a importância do papel do professor.

Obrigada pela colaboração!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por zelar e iluminar meus passos ao longo desta jornada acadêmica e me fazer acreditar que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me apresentou.

Aos meus familiares pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para me impulsionar a alcançar minhas metas.

A Universidade Estadual da Paraíba por ter me dado à oportunidade de concluir o curso de pedagogia nesta instituição de Ensino Superior gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.

A minha orientadora Profa. Maria do Socorro Moura Montenegro pela paciência e disponibilidade em me orientar e, ao mesmo tempo, acreditar no meu potencial para que eu pudesse concluir essa etapa tão importante de minha vida acadêmica.

A todos os mestres do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba pela excelente qualidade de ensino e pelos ensinamentos e incentivos que me ajudaram a concluir esta etapa da vida acadêmica.

Agradeço a Banca Examinadora, Professora Soraya Brandão e Karla Alexandra, seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.